

00790/82

Universidade - 6 p/m

R E C O R D E  
Apartado 2571  
114 Lisboa Codex  
Telef 54 48 01

COMERCIO DO PORTO (O) Porto	29. AGO. 1981
JORNAL DE ALMADA Almada	
VOZ DE PALMELA Palmela	
JORNAL DA LIXA (O) Lixa	
Comércio de Guimarães (O)	

261

## UNIVERSIDADE E PARTICIPAÇÃO

JOÃO  
PAULO  
COSTA



O ensino universitário basear-se-ia numa transmissão de conhecimentos, que se processa, através da cátedra, para os alunos. Em princípio, portanto, o que essencialmente caracterizaria o ensino superior, e motivaria a sua existência, seria o processo pelo qual os alunos adquiriam uma série de dados, de raciocínios e de métodos de raciocínio, que posteriormente lhe permitiriam desempenhar uma dada função social, uma certa profissão. Então, poderia o ensino superior ser confundido com ensino técnico, em que se procuraria um adensamento da inteligência humana para o desempenho de uma dada tarefa.

Mas, pensar assim, é, sem dúvida, um erro. E porque não pode o ensino secundário ser confundido com um ensino meramente técnico? Porque o ensino técnico motiva, não a uma procura da verdade, um melhor conhecimento da realidade, mas a utilização do que actualmente se sabe desta como axiomas-base de processos técnicos, que possibilitem a concretização de determinados objectivos. Isto de modo algum desmerece o ensino técnico. Este é necessário, e de modo algum as qualidades humanas exigidas àqueles que o frequentam são inferiores às dos alunos universitários. O que acontece é que cada homem é diferente do seu semelhante. Cada ser humano tem mais habilidade, ou, na sua liberdade, encontra-se mais vocacionado para determinado tipo de tarefa. E todas as tarefas são necessárias; todas são nobres. O que acontece é que o homem procura essencialmente a verdade no universo em que existe. A técnica só tem razão de ser para o homem quando aferida ao valor verdade. E é pela inteligência

que se pode chegar à verdade ou não. A missão da universidade será sem dúvida, a descoberta dessa verdade.

Não se limitaria, portanto, a universidade, à transmissão de conhecimentos que pela sua articulação possibilitassem uma futura actuação eficaz daquele que aprende, mas sim levar o aluno à descoberta da realidade que está na base desses conhecimentos. Urge, assim, fomentar uma participação real da parte do aluno na actividade do ensino, levando-o a pôr a sua capacidade de descoberta, a inteligência, ao serviço da verdade, evitando que passe pela universidade com uma mera atitude passiva, perante uma cultura estagnada, ou em progresso nas mãos de poucos privilegiados.

Como dissemos, cada profissão tem a sua dignidade. E a de universitário tem, no uso da inteligência para busca da verdade, a sua nobreza. Abdicando dela, tanto o professor como o aluno abdicam também da dignidade que possuem pelo desempenho das suas funções.

Mas esta actividade, não o esqueçamos, só é conseguida com trabalho. De todos é bem conhecida a triste experiência dos cursos de Letras no nosso país, onde a oportunidade dada aos alunos de uma participação criativa foi transformada por estes na simples emissão de opiniões fáceis, ou em mera citação.

Não se pode excluir, por isso, uma exigência da parte dos professores. O aluno não se encontra na Universidade por puro diletantismo, para uma auto-realização que consista num recreio intelectual. O estudante universitário frequenta a universidade para se formar, e a verdadeira formação exige esforço.